



Patrimônio da Humanidade ao alcance de todos



Jacqueline Boechat

Faz 100 anos que os pesquisadores Belisário Penna e Arthur Neiva organizaram expedições a fim de conhecer a realidade da saúde e das condições de vida dos chamados “sertões” brasileiros. Imagens desta e de outras épocas que contam a história da saúde no Brasil estão reunidas em uma coleção de cerca de 8 mil negativos de vidro, que dentro de um ano estará à disposição de pesquisadores, estudantes e produtores culturais, dentre outros, em um Banco Público de Imagens. O conjunto de documentos iconográficos tem imagens inéditas e está desde 1980 sob a guarda da Casa de Oswaldo Cruz (COC/Fiocruz).

O reconhecimento internacional dá a dimensão da importância dos negativos. A exemplo dos arquivos pessoais de Oswaldo Cruz e Carlos Chagas, os documentos foram reconhecidos como Patrimônio da Humanidade, no programa Memória do

Mundo, da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), em outubro. Para a chefe do Departamento de Arquivo e Documentação (DAD) da COC, Maria da Conceição Castro, a distinção não apenas garante a preservação constante: facilita e justifica as solicitações de apoio financeiro, necessárias a esse fim”, ressalta.

O projeto do Banco de Imagens Público, que está sendo desenvolvido pelo DAD, consiste em digitalizar e identificar os negativos, e deve durar aproximadamente um ano: três meses para a captação da imagem em positivo digital e nove para a conferência, item a item, por meio da comparação com o negativo de vidro. Ao final desse processo, o acesso ao usuário será feito de maneira mais rápida, garantindo ainda a preservação dos originais, que não precisarão ser manipulados constantemente. A expectativa é de que o público possa fazer consultas dos acervos pela internet já a partir de meados do próximo ano.

O conjunto contém fotos científicas, com imagens de doentes, microorganismos e tratamentos; de expedições científicas; de personagens históricos da área da saúde; da expansão das áreas urbanas; da arquitetura, entre outras. O material possibilita várias formas de pesquisa e utilização, de acordo com Aline Lopes Lacerda, pesquisadora do Serviço de Arquivo Histórico da COC: “é possível estudar o desenvolvimento urbano de parte do Rio de Janeiro, a partir da ocupação de Mangueiras e da construção da Avenida Brasil, por exemplo”.

A técnica dos negativos de vidro foi utilizada até início dos anos 30, quando o filme flexível se popularizou, e até a década de 40 na Fiocruz. Apesar da durabilidade, a preservação desse tipo de material é delicada. Os negativos devem ser limpos com pincéis macios ou pó de borracha, embrulhados em papel adequado a esse fim e armazenados em local com temperatura e umidade controladas. ❁